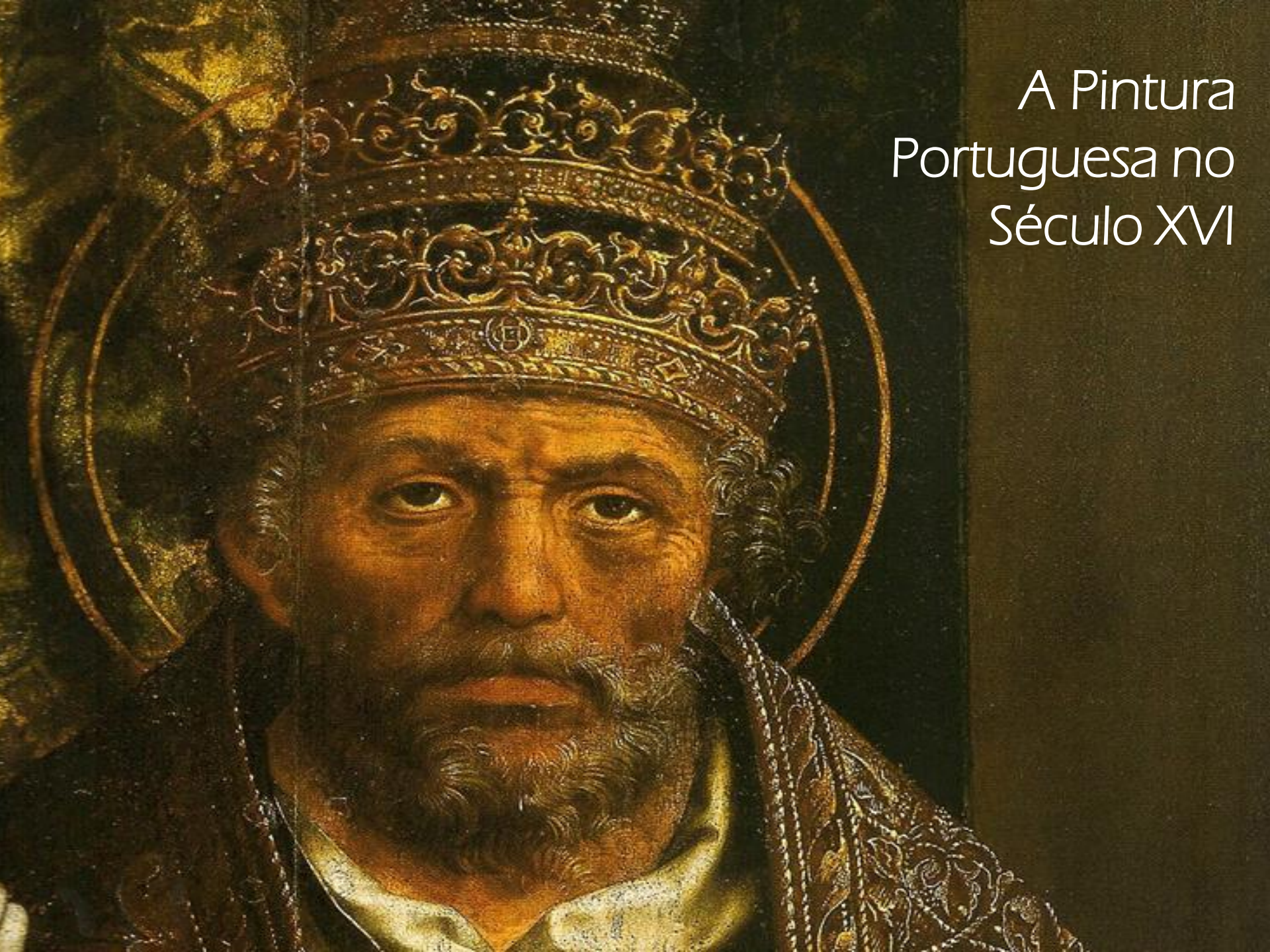


A Pintura
Portuguesa no
Século XVI





No final do séc. XV e inícios de XVI, subsistem em Portugal escolas de pintura arcaizantes como, por exemplo, Arouca, Tavira ou Coimbra.



Mestre Desconhecido

S. Pedro e S. João Baptista

Segunda metade do séc. XV

Ermida de S. Pedro

Tavira

Este retábulo quinhentista provém da capela de S. Brás da Colegiada de Guimarães, é de autoria desconhecida e atesta bem a persistência de modos arcaicos nas periferias do reino nos inícios do séc. XVI



Mestre Delirante de Guimarães
*Tríptico da Lamentação com S.
Brás e S. Jerónimo*
Início séc. XVI
Museu Alberto Sampaio

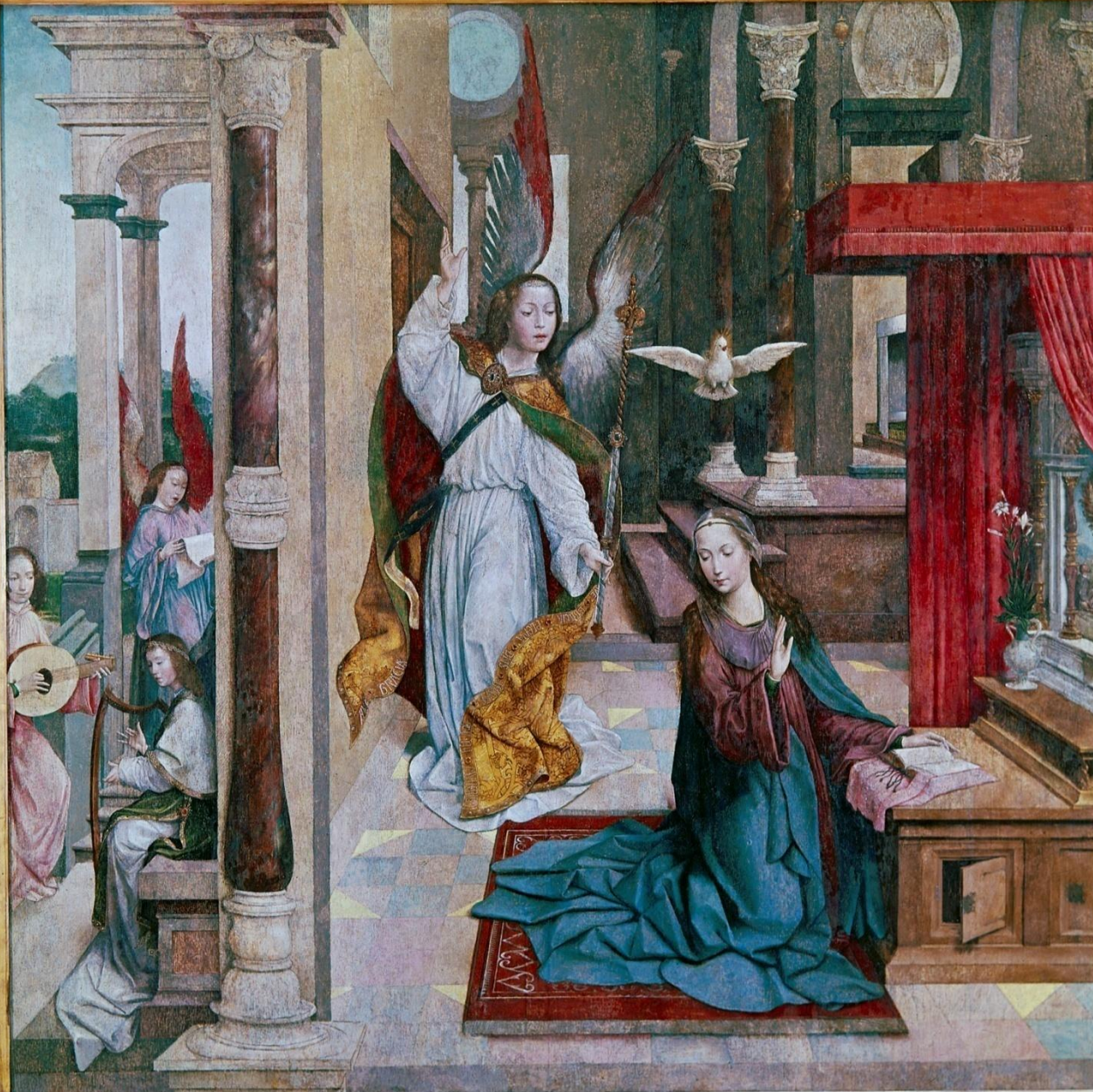
Ao mesmo tempo, note-se a importação de obras nórdicas. O retábulo da Sé de Évora foi a maior encomenda do seu tempo. É um dos mais significativos exemplares da pintura luso-flamenga, desconhecendo-se a autoria, bem como o local onde foi produzido, interessando muito saber se foi pintado na Flandres, com ou sem participação de artistas portugueses, ou em Évora. O que é certo é a decisiva influência noutras obras como, por exemplo, o retábulo da Sé de Viseu.



Retábulo da Sé de Évora
Início séc. XVI
Museu de Évora



Entre os autores flamengos que se estabeleceram em Portugal, refira-se **Frei Carlos**.



Frei Carlos
Anunciação
1523
MNAA



Desconhece-se a sua biografia e proveniência.

Professou em Évora, no convento jerónimo do Espinheiro, em 1517.

Frei Carlos
O Bom Pastor
1520
MNAA

Conhecem-se cerca de 3 dezenas de pinturas, a maioria do MNAA

MUSEU DE ARTE
ANTIGA MOSTRA
ÚLTIMA GRANDE
COMPRA



É uma pequena pintura do século XVI para rezar em casa, feita para se ver muito de perto. O novo *Ecce Homo* do Museu de Arte Antiga, em Lisboa, do pintor monge Frei

Frei Carlos
Ecce Homo
Público
16 Nov 2006

Frei Carlos
S. Vicente
Metropolitan Museum of Art
Nova Iorque



Em 2005, fora já identificada outra obra deste artista.



A produção de miniaturas em pequenas tábuas atesta o seu virtuosismo, orientado para o consumo privado e para a devoção doméstica



Frei Carlos
Virgem do Leite
MNSR



É o mais flamengo dos flamengos, a sua obra permaneceu sempre fiel ao rigor da sua formação nórdica.

Frei Carlos
Aparecimento de Cristo à Virgem
1529
MNAA

Francisco Henriques é, por outro lado, considerado como o mais português dos flamengos.

Francisco Henriques
Aparecimento de Cristo a Madalena
1508-13
MNAA





Francisco Henriques chegou a Portugal nos finais do séc. XV, morrendo em 1518, vítima de um surto de peste.

Trabalhou para D. Manuel I e integrou-se na comunidade artística, até pelo casamento, uma vez que desposou uma irmã do pintor Jorge Afonso.

O sucesso alcançado e a integração no meio artístico nacional permitiu-lhe atrair outros pintores flamengos, nunca quebrando a sua ligação à Flandres.

Francisco Henriques

Paixão dos Cinco Mártires de Marrocos

1508

MNAA



As obras mais marcantes, ainda que colectivas, o que suscita problemas de identificação, são as pinturas do retábulo do Convento Real de S. Francisco de Évora; 1508 – 1511.

15 painéis subsistem, dispersos pelo Museu dos Patudos em Alpiarça, MNAA de Lisboa e Museu de Évora



Francisco Henriques
A Última Ceia
c. 1508
MNAA



O **Mestre da Lourinhã** permanece anónimo, ainda que Vítor Serrão suponha tratar-se de Álvaro Pires.

A obra foi realizada para o mosteiro de S. Jerónimo, na **Berlenga**.

Um sentimento da **paisagem** único na pintura portuguesa.

São João em Patmos;
Museu da Santa Casa da
Misericórdia (Lourinhã)
1ª metade séc. XVI

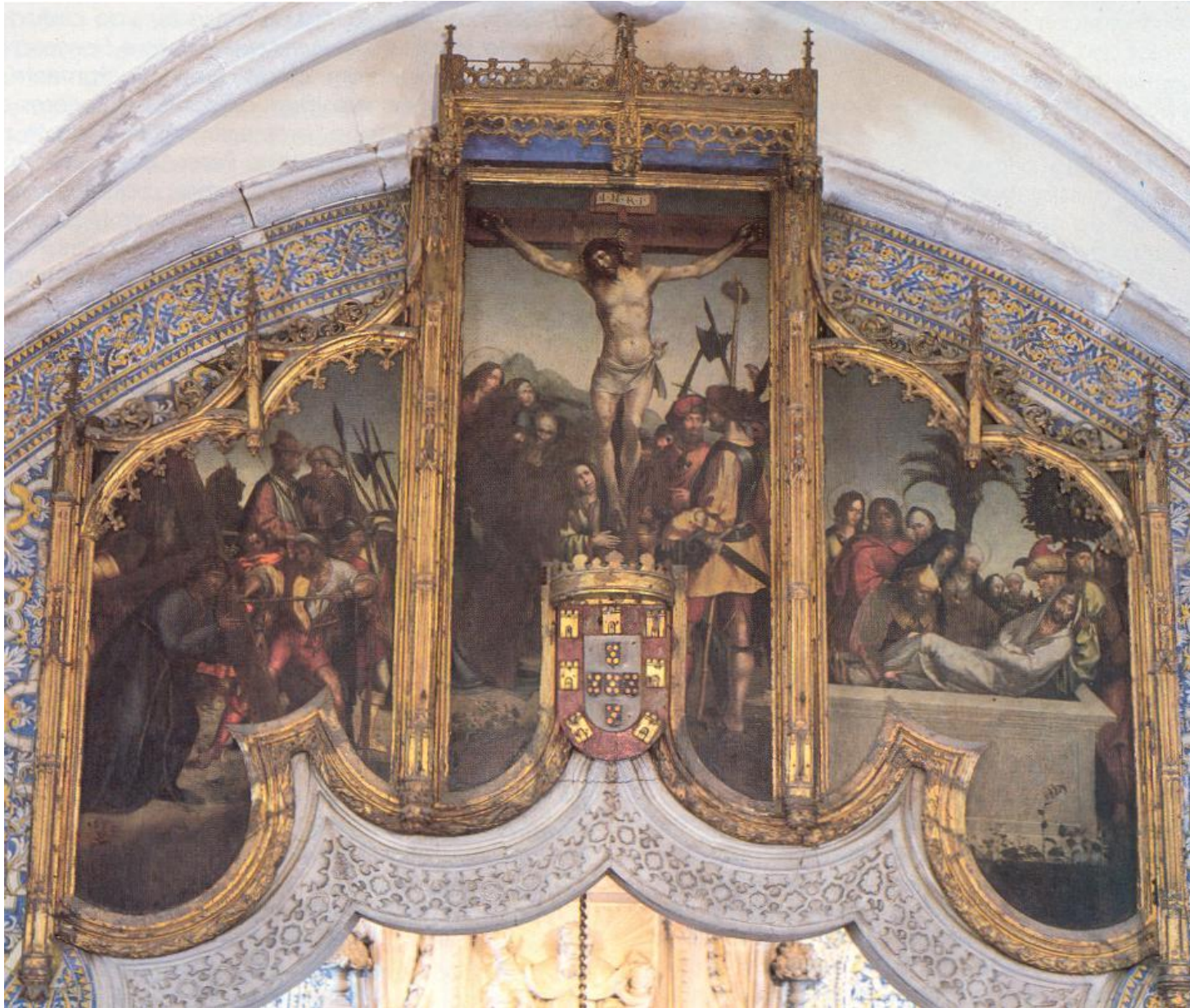


A dignidade renascentista da figura humana, um desenho seguro e um colorido suave e requintado, fazem do Mestre da Lourinhã o verdadeiro introdutor do gosto renascentista evoluído nos círculos da capital

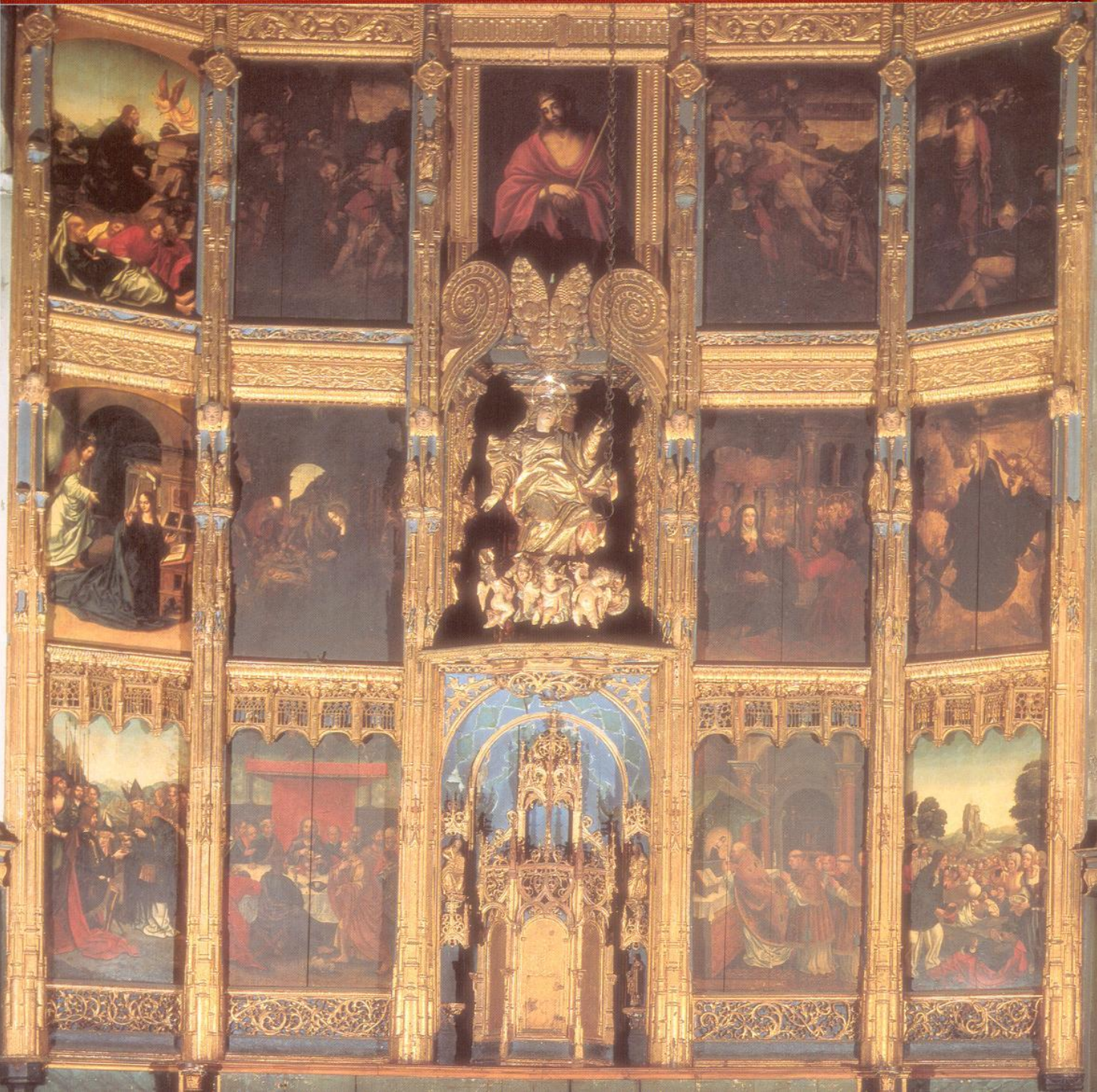
F.A.B.P.

São João Baptista no Deserto
Museu da Santa Casa da Misericórdia
(Lourinhã)

Outras obras, como o retábulo da Sé do Funchal (1510 – 1515) e o tríptico da Igreja do Pópulo, nas Caldas da Rainha (1510), têm sido aproximadas deste estilo profundamente original e individualizado do primeiro renascimento português.

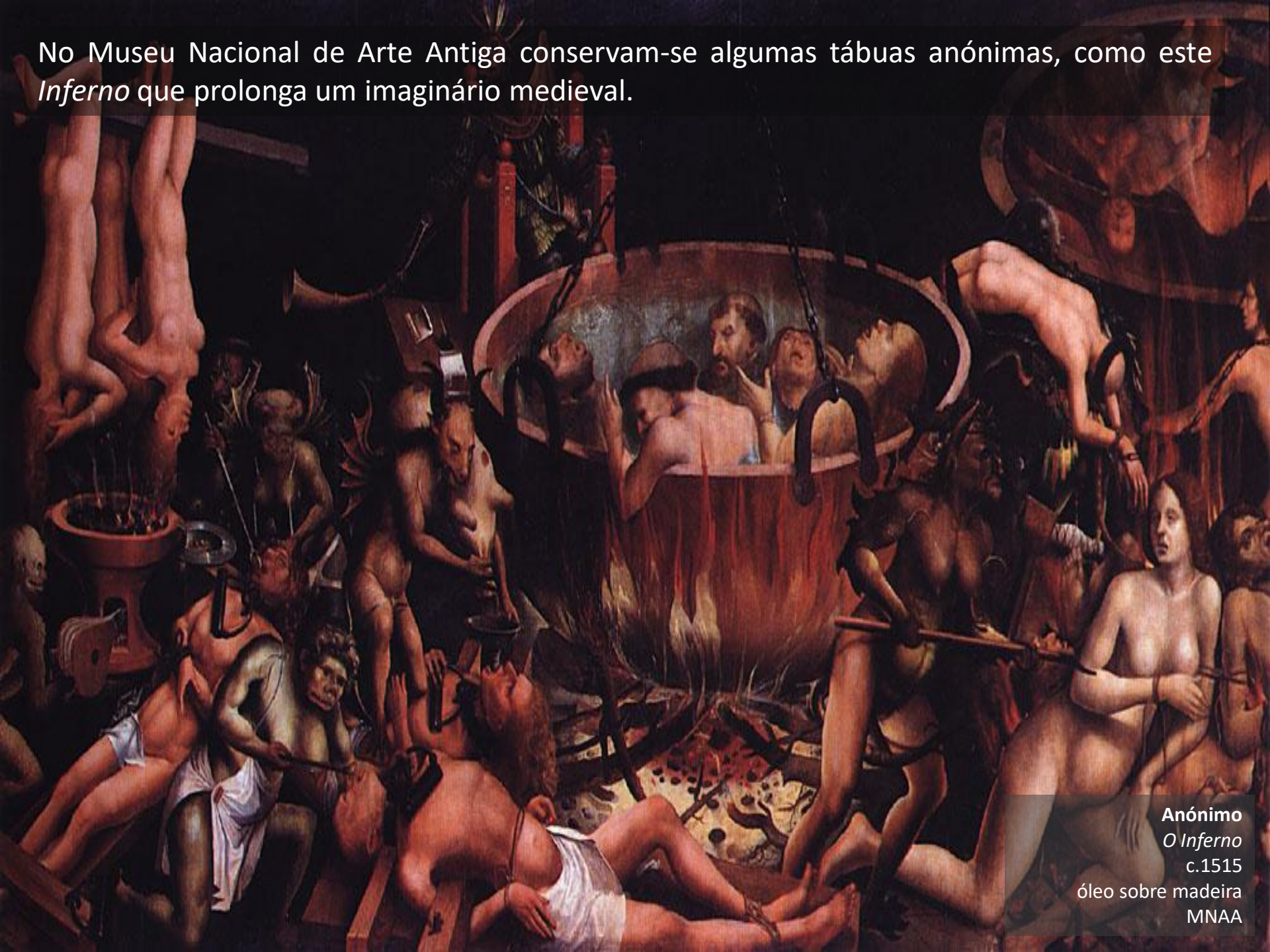


Mestre da Lourinhã?
Jorge Afonso?
Cristóvão de Figueiredo?
Tríptico da Igreja do Pópulo
Caldas da Rainha
1510



Retábulo da Sé do Funchal
1510 - 1515

No Museu Nacional de Arte Antiga conservam-se algumas tábuas anónimas, como este *Inferno* que prolonga um imaginário medieval.



Anónimo

O Inferno

c.1515

óleo sobre madeira

MNAA

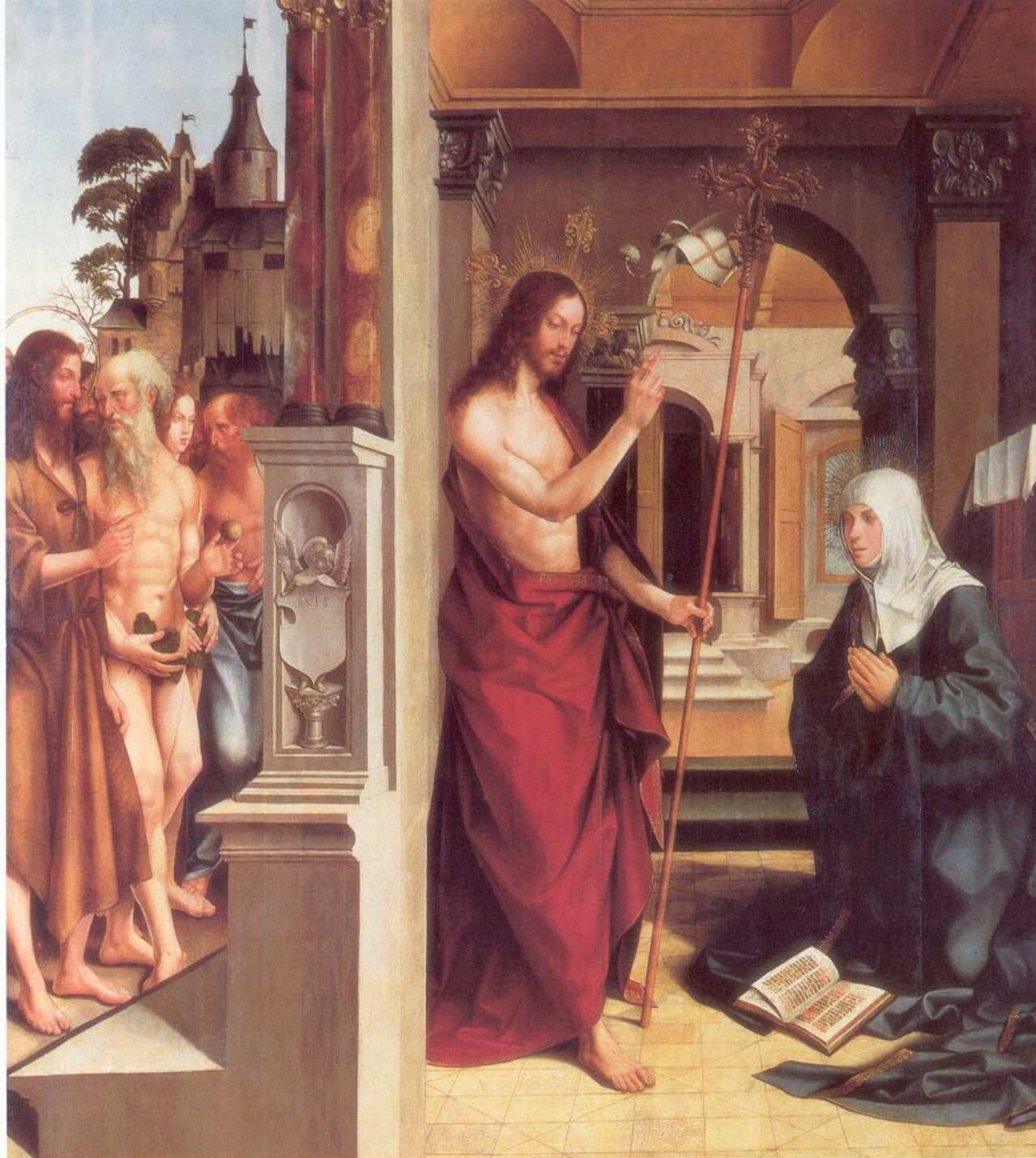


Anónimo

*A Chegada das Relíquias de Santa Auta ao
Mosteiro da Madre de Deus*

c.1520

MNAA



Jorge Afonso (1470?-1540?) foi pintor régio de D. Manuel e D. João III. Máximo representante da oficina de Lisboa, teve como discípulos o sobrinho Garcia Fernandes, o genro Gregório Lopes, Cristóvão de Figueiredo, Gaspar Vaz e, durante algum tempo, Vasco Fernandes. Entre as suas obras mais importantes contam-se os retábulos dos Conventos da Madre de Deus e de Jesus de Setúbal.

Jorge Afonso
Aparição de Cristo à Virgem
1515
MNAA

As suas pinturas refletem o ambiente cortesão do reinado de D. Manuel, salientando-se a monumentalidade das cenas e a sumptuosidade dos figurinos.

Jorge Afonso
Anunciação
1510
MNAA





Cristóvão de Figueiredo
(activo entre 1515 e 1543)
trabalhou com Francisco
Henriques, Garcia Fernandes
e Gregório Lopes. A sua obra
maior é o retábulo de Santa
Cruz de Coimbra (1530).

Cristóvão de Figueiredo
Deposição no túmulo
c. 1522 – 1530
MNAA

A sua empreitada mais importante foi o retábulo da igreja de Santa Cruz de Coimbra, concluído em 1530



Cristóvão de Figueiredo
Exalçamento da Santa Cruz
c.1530
MNMC



Em 1533, encontra-se em Lamego, assinando um contrato para a execução dos retábulos da igreja do mosteiro de Ferreirim. No ano seguinte, associa os seus parceiros Garcia Fernandes e Gregório Lopes aos trabalhos.

Cristóvão de Figueiredo

Santíssima Trindade

c.1530

MNSR

Gregório Lopes, Cristóvão de Figueiredo e Garcia Fernandes trabalharam frequentemente em parceria, merecendo a designação de **Mestres de Ferreirim** posta por Reis Santos, uma vez que se torna por vezes difícil individualizar cada autor.





Gregório Lopes (1490?-
1550) sucede a Jorge
Afonso como pintor régio
e mostra-se influenciado
pelo gosto da Flandres

Gregório Lopes
Adoração dos pastores
1539 - 1541
MNAA



A sua atividade encontra-se muito documentada.

Entre 1539 e 1541, trabalhou em Tomar, onde executou os painéis da charola do Convento de Cristo, bem como o retábulo para a capela-mor da igreja de S. João Baptista.

Gregório Lopes

← *Degolação de S. João Baptista*

Salomé apresentando a cabeça de S. João Baptista →

1539
Igreja S. João Baptista
Tomar





Gregório Lopes: *Martírio de S. Sebastião*; 1536-38; MNA

A sua obra apresenta alguns desvios às normas da pintura renascentista, anunciando já claramente o maneirismo. Este martírio de S. Sebastião introduz novos eixos de perspetiva pois foi concebido para ser observado dos dois ângulos laterais. Note-se ainda a figura *serpentinata*, bem como a sobrecarga alegórica e a exuberância dos trajés e adereços.

Garcia Fernandes trabalhou entre 1514 e 1565, mostrando-se mais influenciado pelas gravuras italianas.



Tríptico da Anunciação; MNMC



Garcia Fernandes era o mais novo da parceria de Ferreirim e ter-se-á formado na oficina de Jorge Afonso. Casou com a filha de Francisco Henriques. Trabalhou em Évora, Coimbra e Leiria, e também para a Índia.

Garcia Fernandes

3º Casamento de D. Manuel I

1531

Museu da igreja de S. Roque; Lisboa



Retábulo da Sé de Viseu, estando expostos no museu Grão Vasco, as 14 tábuas restantes de um total de 18. Obra provável de Francisco Henriques (1500-1506), pelas claras afinidades com o retábulo de Évora. Início da oficina de Viseu. Assim se terá iniciado Vasco Fernandes.





Vasco Fernandes (activo entre 1501 e 1542), conhecido por **Grão Vasco**, foi a mais importante figura da pintura portuguesa do séc. XVI.

Graças ao seu trabalho, podemos destacar a oficina de pintura regional da cidade de Viseu, além do centro cosmopolita de Lisboa gravitando em torno das encomendas régias e dos pintores da corte.



Grão Vasco

Criação dos animais

Retábulo da Sé de Lamego

1506-1511

Museu de Lamego



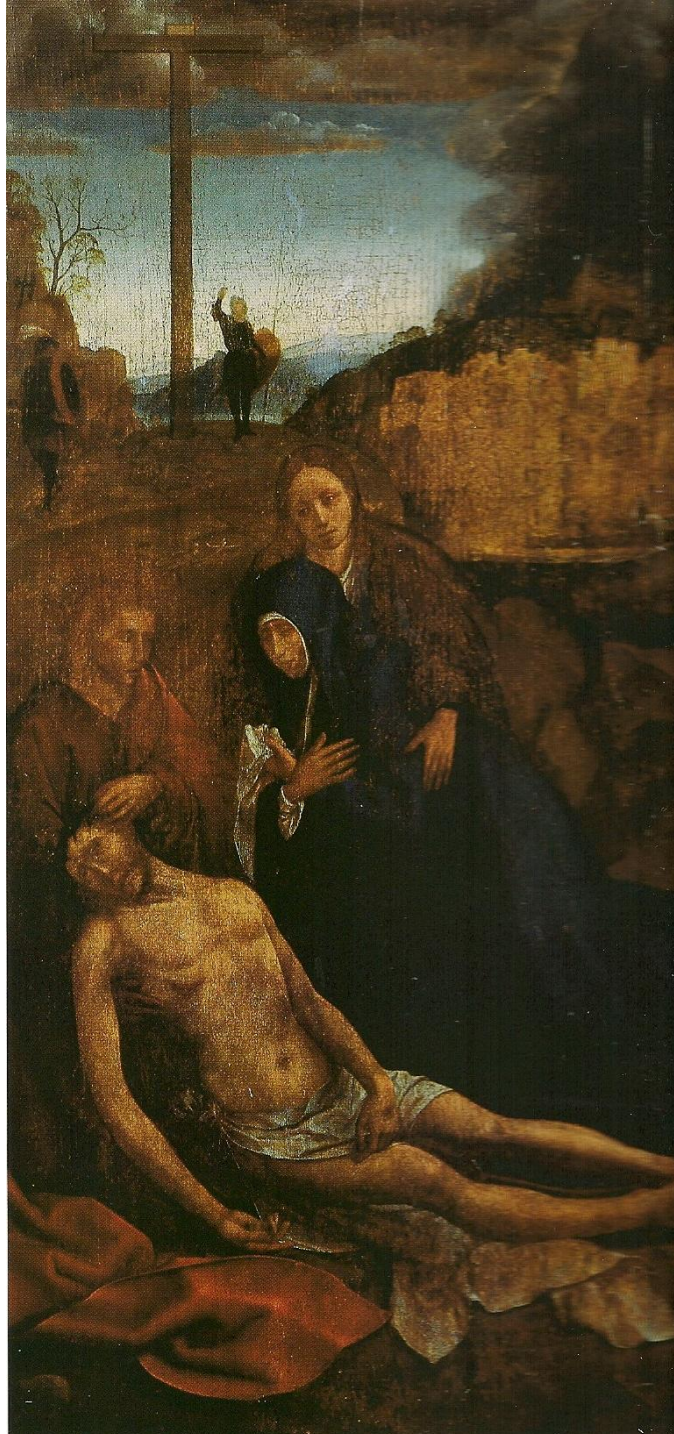
A sua primeira grande obra-prima é o retábulo da **Sé de Lamego**, hoje no museu local e datável da primeira década do séc. XVI.

← *Visitação*

Anunciação →



Este tríptico apresenta a particularidade de ser assinado: VASCO FRZ



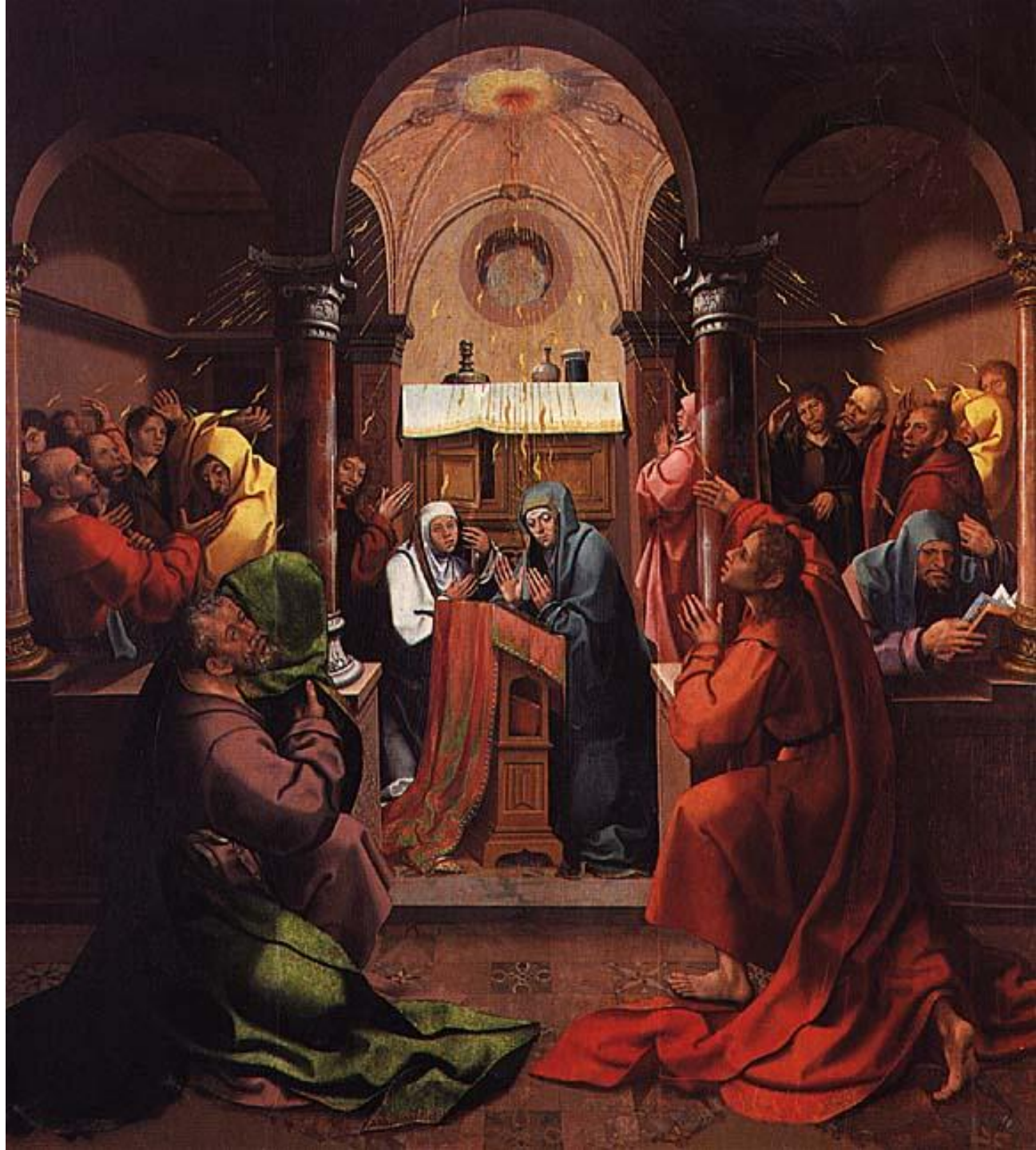
Lamentação sobre o corpo de Cristo, S. Francisco e Santo António (tríptico Cook); c. 1520; MGV

O *Pentecostes* executado para Santa Cruz de Coimbra (1535) é já uma obra de maturidade.

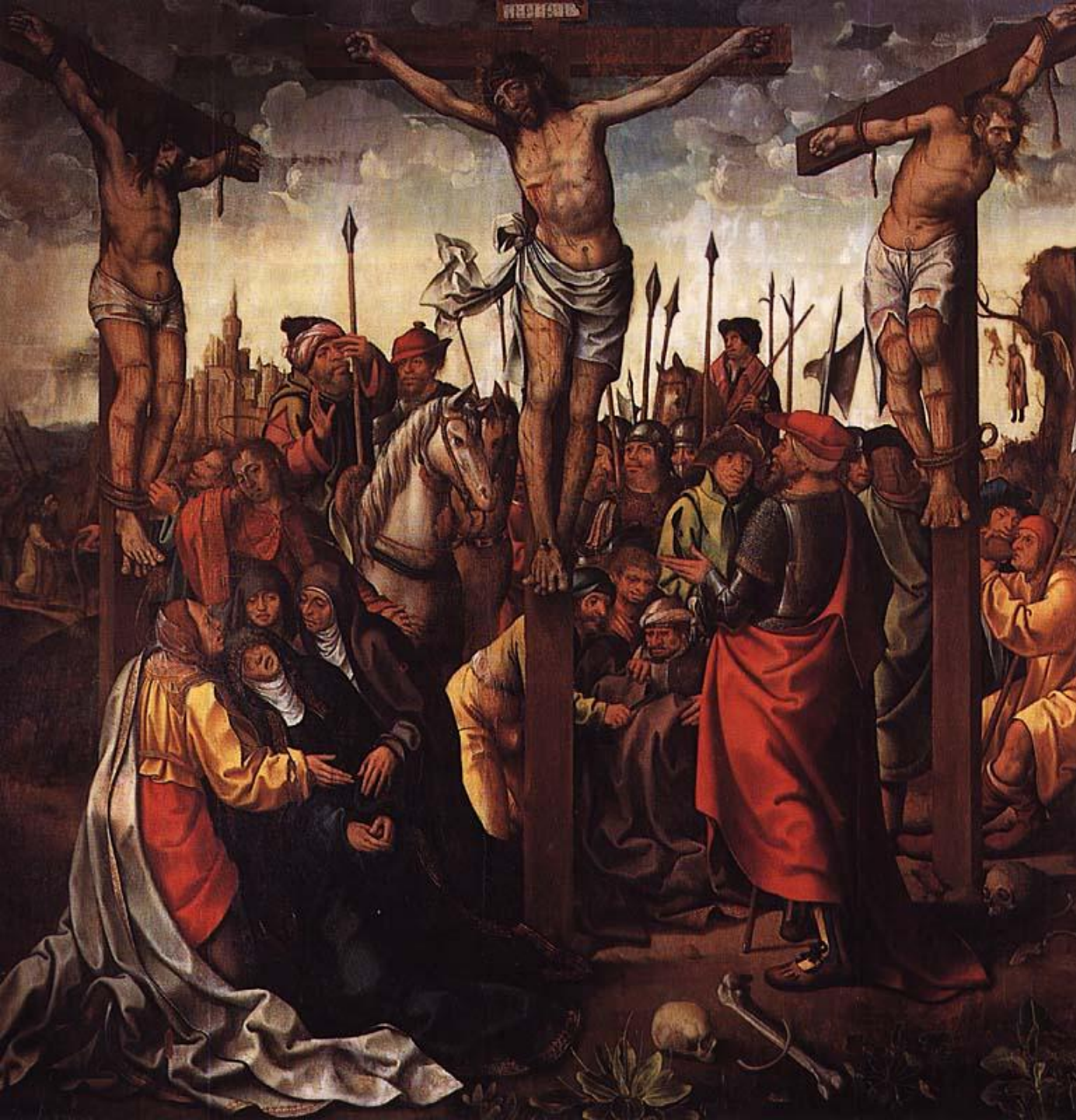


Velasquez

Anteriormente, já
pintara um
Pentecostes para a Sé
de Viseu.



Pentecostes
Capela da Sé de Viseu
c. 1530 – 1534
MGV



Ao longo do séc. XVI, terá sido comum a utilização de estampas e gravuras pelos pintores nas suas composições.

Calvário
Capela da Sé de Viseu
c. 1530 – 1534
MGV



Gaspar Vaz

*Cristo em Casa de
Marta e Maria*

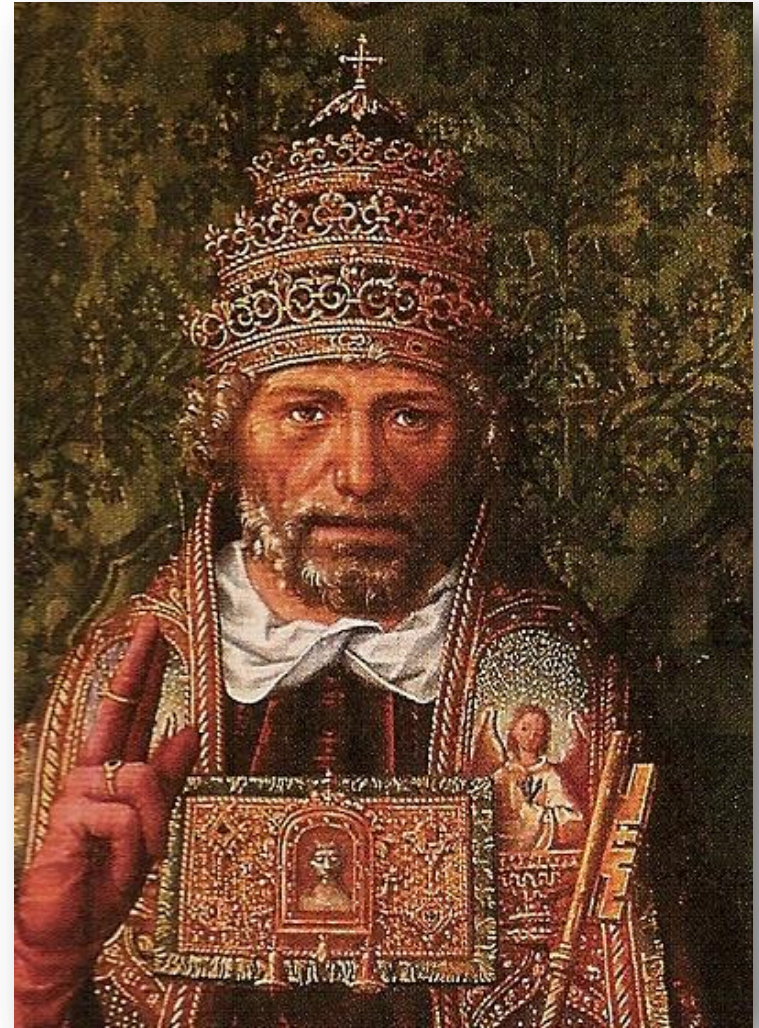
Proveniente do Paço
do Fontelo
c. 1535 – 1540
MGV



A sua obra mais emblemática é o **S. Pedro** executado para a Sé de Viseu c. 1530, hoje no Museu Grão Vasco, com a provável colaboração do seu discípulo **Gaspar Vaz**.



Gaspar Vaz pintou outra versão para a igreja do Mosteiro de S. João de Tarouca (c. 1535).





António Vaz é outro representante desta oficina de Viseu, de quem se apresenta esta *Virgem com o Menino*

1540
Museu de Alberto Sampaio
Guimarães

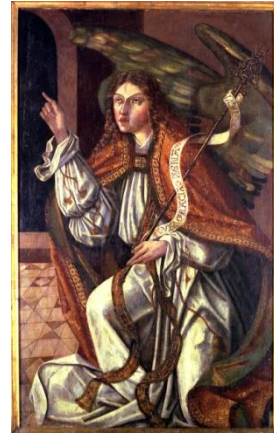


Igreja Matriz do Sardeal

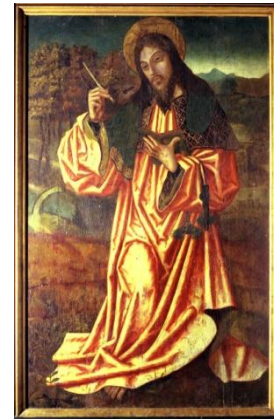
Uma outra oficina de pendur mais regionalista e arcaico é a de **Coimbra**. A figura principal é a que até há pouco era designada como Mestre do Sardeal mas que hoje se sabe tratar-se de **Vicente Gil** e seu filho **Manuel Vicente**.



Reconstituição do antigo retábulo da igreja matriz do Sardeal. segundo FABP (c. 1510 – 1520)



Os dois nichos centrais seriam ocupados por duas esculturas desaparecidas





O políptico de Montemor-o-Velho, hoje na Santa Casa da Misericórdia desta vila, foi pintado entre 1504 e 1515 e é das produções mais importantes desta oficina.



O desenho é ainda gótico, com as figuras apresentando um olhar amendoado. Os panejamentos são tratados com alguma rigidez.

Vicente Gil e Manuel Vicente
Pentecostes do políptico de Celas
c. 1510 - 1515
MNMC



Esta oficina destaca-se ainda pelo forte sentido decorativo e atenção dada aos pormenores.

Vicente Gil e Manuel Vicente
S. Vicente
1515
Museu de Beja

Bibliografia comentada: Fundamental para o bom estudo do mais importante pintor português quinhentista é a obra de Dalila Rodrigues, com destaque para *Grão Vasco* (Lisboa; Aletheia; 2007) que sintetiza a sua tese de doutoramento, de 2000. A mesma autora assina outras sínteses, como o volume nº 6 da *História da Arte Portuguesa* por si dirigida e já várias vezes citada, interessando os capítulos 3 e seguintes. De igual modo, são da sua responsabilidade os capítulos da *História da Arte Portuguesa* dirigida por Paulo Pereira (2º volume) sobre a pintura manuelina e o ciclo renascentista, que podem ser consultados na biblioteca da ESEC. O estudo aprofundado do pintor Vasco Fernandes conheceu um avanço decisivo com a exposição orientada por esta autora em 1992, cujo catálogo foi editado em 1991, sob o título *Grão Vasco e a pintura europeia do Renascimento*. Sofia Lapa assina uma pequena mas interessante monografia dedicada ao pintor de Viseu e editada na coleção de pintores portugueses da editora QuidNovi em 2010 e distribuída com o jornal *Público*. Quanto ao Mestre da Lourinhã, o trabalho de referência é da responsabilidade de Manuel Batoréo (*Pintura Portuguesa do Renascimento. O Mestre da Lourinhã*; Casal de Cambra; Caleidoscópio/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; 2004.) Em 2003, no âmbito da *Coimbra, Capital Nacional da Cultura*, organizaram-se na nossa cidade várias exposições, merecendo nota a consagrada à escola de pintura de Coimbra, de onde saiu um excelente catálogo da autoria de Pedro Dias: *Vicente Gil e Manuel Vicente, pintores da Coimbra manuelina*; Coimbra; CMC; 2003. Outro autor de referência sobre a pintura do séc. XVI é Fernando António Baptista Pereira, podendo consultar-se a síntese que redigiu sob a forma de manual para a Universidade Aberta: *História da Arte Portuguesa. Época Moderna (1500-1800)*; Lisboa; Universidade Aberta; 1992; pp. 135 – 144.

Por último, nos finais de 2010 e inícios de 2011, foi organizada nos Museus Nacional de Arte Antiga e de Évora uma exposição conjunta sobre os designados *Primitivos Portugueses*. O catálogo, já citado, foi editado em 2010, conjuntamente pelo MNAA e pela Aletheia. Interessam-nos os capítulos desenvolvidos a partir da página 132.